

AS PESSOAS NÃO DEVIAM DEIXAR ESPELHOS PENDU-
rados pelos cômodos, assim como não devem deixar à vista
seus talões de cheque ou cartas em que confessam algum
crime hediondo. Foi impossível deixar de olhar, naquela
tarde de verão, o espelho comprido que pendia no vesti-
bulo. O acaso assim o quis. Das profundezas do sofá da
sala de estar podia-se ver refletida no espelho italiano não
apenas a mesa com tampo de mármore ali em frente, mas
uma nesga do jardim mais além. Podia-se ver um longo
caminho relvado que se estendia por entre encostas de
flores altas até que a moldura dourada, cortando um ân-
gulo, o seccionava.

A casa estava vazia, e quem se sentasse ali, se estivesse
sozinho na sala de estar, sentia-se como um daqueles na-
turalistas que, cobertos de grama e folhas, põem-se de
bruços a espreitar o movimento livre dos animais mais
assustadiços – texugos, lontras, martins-pescadores –,
guardando distância. Naquela tarde o cômodo se achava
cheio de tais criaturas assustadiças, luzes e sombras, cor-
tinas a ondear, pétalas a cair – coisas que, ao que parece,
nunca acontecem quando há alguém a observar. A velha
sala de campo, silenciosa, com seus tapetes e consolos de
lareira de pedra, suas estantes de livros bambas e seus
armários de laca vermelha e dourada, estava cheia de tais
criaturas noturnas. Elas vinham piruetando pelo chão, pi-
sando delicadamente com passos suspensos e caudas aber-
tas, debicando com bicos alusivos como garças ou bandos
de elegantes flamingos cuja cor rosa houvesse esmaecido
ou pavões cuja cauda tivesse veios de prata. E havia ful-
gores e negrumes também, como se uma sépia tivesse de
repente tingido o ar de púrpura; e o cômodo tinha suas
paixões e cóleras e invejas e pesares, que o dominavam e
o agitavam, como se se tratasse de um ser humano. Nada
permanecia igual por mais de dois segundos.

Romancista, ensaísta, editora, VIRGINIA WOOLF (1882-1941) foi uma das figuras mais destacadas da renovação modernista na prosa, promovida nas primeiras décadas do século XX. Figura influente no círculo de intelectuais conhecido como Grupo de Bloomsbury (do qual faziam parte, entre outros, E. M. Forster, Lytton Strachey e John Maynard Keynes), inaugurou e/ou aperfeiçoou instrumentos narrativos que se tornaram universais na prosa contemporânea, especialmente o fluxo da consciência, em romances de grande impacto como *Mrs Dalloway* (1925), *Ao farol* (1927) e *Orlando* (1928). Dona de uma personalidade instável, vítima de numerosas crises depressivas, Virginia Woolf cometeu suicídio por afogamento.

A extraordinária narrativa breve *A mulher no espelho – uma reflexão* foi publicada pela primeira vez na revista *Harper's* de dezembro de 1929, sendo posteriormente incluída em diversas coletâneas.

De fora, no entanto, o espelho refletia a mesa do vestibulo, os girassóis, o trecho do jardim com tamanha exatidão e fixidez que eles pareciam estar ali em sua realidade inescapável. Era um estranho contraste: cá toda a alter-nância, lá toda a quietude. Era impossível deixar de olhar de cá para lá. Enquanto isso, estando todas as portas e janelas escancaradas por causa do calor, ouvia-se um perpétuo som suspirante e cessante, a voz do transiente e do pere-cível – assim parecia – indo e vindo como respiração hu-mana, ao passo que no espelho as coisas haviam parado de respirar e quedavam imóveis no transe da imortalidade.

Meia hora antes, a dona da casa, Isabella Tyson, per-correra o caminho relvado trajando um vaporoso vestido de verão, carregando um cesto, e desaparecera, seccionada que fora pela borda dourada do espelho. Provavelmente tinha ido ao jardim de baixo para colher flores; ou, como parecia mais natural supor, para colher algo leve, fantás-tico, frondoso, enovelado – uma clêmatis, ou um daque-les elegantes ramalhetes de ipomeias que se enroscam em paredes feias e prorrompem aqui e ali em flores brancas e lilases. Ela se parecia mais com a ipomeia, fantástica e trêmula, do que com o áster ereto, a zínia empertigada ou até mesmo com suas próprias rosas encarnadas, acesas feito lâmpadas nos postes dos roseirais. Essa comparação mostrava quão pouco se sabia a respeito dela, depois de to-dos esses anos; pois é impossível que uma mulher de carne e osso, de 55 ou 60 anos, seja na realidade uma grinalda ou uma gavinha. Tais comparações não são apenas pre-guiçosas e superficiais – pior, chegam mesmo a ser cruéis, porque, como a própria ipomeia, vêm tremelicando en-tre os nossos olhos e a verdade. Deve haver uma verdade; deve haver uma parede. No entanto, era estranho que de- pois de tê-la conhecido durante todos esses anos não se pudesse afirmar qual era a verdade sobre Isabella; ainda

se continuava a cunhar analogias como essa da ipomeia e da clêmatis. Não que tocava aos fatos, o fato é que ela era uma solteirona; que era rica; que havia comprado esta casa e colecionado com as próprias mãos – às vezes dos recantos mais obscuros do mundo e arriscando-se a le-var picadas venenosas e a contrair doenças orientais – os tapetes, as cadeiras, os armários que agora viviam uma vida noturna diante dos olhos da gente. Às vezes era como se esses objetos a conhecessem melhor do que nós – nós, que neles nos sentávamos, neles escrevíamos, neles pisá-vamos com tanta cautela –, impedidos de conhecê-la. Em cada um desses armários havia muitas gavetinhas, e cada uma delas certamente continha cartas, atadas com laços de fita, salpicadas com raminhos de lavanda ou pétalas de rosa. Porque outro fato – se fatos é o que queremos – é que Isabella conhecera muitas pessoas, tivera muitos amigos; e, portanto, quem tivesse a audácia de abrir uma gaveta e ler as cartas acharia vestígios de muitas tribulações, com-promissos marcados, reprimendas por não ter compare-cido, longas cartas íntimas e afetuosas, violentas cartas de ciúmes e recusa, terríveis ultimatoss de separação – pois to-dos aqueles colóquios e encontros haviam dado em nada –, ou seja, descobriria que ela nunca havia se casado, e que, no entanto, a inferir da máscara de indiferença que era o seu rosto, ela havia vivenciado vinte vezes mais paixões e experiências do que aqueles cujos amores são proclamados para que todo o mundo ouça. À força de pensar em Isa-bella, sua sala se tornava mais ensombrecida e simbólica; os cantos pareciam mais escuros; as pernas das cadeiras e das mesas, mais esguias e hieroglíficas.

De repente essas reflexões foram interrompidas com brutalidade, ainda que sem ruído. Uma forma grande e negra avultou dentro do espelho; borrou tudo o mais, pol-vilhou a mesa com um maço de tabuletas de mármore com

veios cor-de-rosa e cinzentos, e desapareceu. Mas o quadro estava completamente alterado. Por um momento, ficou irrecognhecível e irracional, e totalmente fora de foco. Não se podia associar a essas tabuletas nenhum propósito humano. Depois, pouco a pouco, algum processo lógico passou a tra-balhá-las e começou a organizá-las e arranjá-las e trazê-las para o âmbito da experiência comum. Percebia-se, por fim, que não eram nada mais que cartas. O homem trouxera a correspondência.

Lá ficaram as cartas sobre a mesa de tampo de mármore, a princípio inundadas de luz e cor, cruas e inabsorvidas. Depois, foi estranho ver como foram reunidas e arrumadas e compostas e se tornaram parte do quadro e assumiram a imobilidade e a imortalidade que o espelho conferia. Lá ficaram elas investidas de nova realidade e nova significância, e com maior peso, também, como se fosse necessário um formão para desentranhá-las da mesa. E, fosse fantasia ou não, elas pareciam ter se tornado não um mero punhado de cartas ordinárias, mas tabuletas gravadas com a verdade eterna – se fosse possível lê-las, saber-se-ia tudo o que havia para saber sobre Isabella, sim, e sobre a vida, também. As páginas encerradas por aqueles envelopes de aparência marmórea deviam ter incisões profundas de entalhes repletos de significado. Isabella entraria na sala, e as recolheria, uma por uma, bem devagar, e as abriria, e as leria com atenção, palavra por palavra; depois, com um profundo suspiro de compreensão, como se tivesse vislumbrado a verdade por trás de tudo que há, ela faria os envelopes em pedacinhos e ataria as cartas num maço e as trancaria na gaveta do armário, determinada a ocultar o que desejava não fosse conhecido.

Essa ideia serviu de desafio. Isabella não queria ser conhecida, mas não mais escaparia. Era absurdo, era monstruoso. Se ela tanto ocultava e tanto sabia, era forçoso

escancará-la com a primeira ferramenta que estivesse à mão: a imaginação. Era forçoso fixar a mente nela naquele exato momento. Era forçoso encerrá-la ali. Era forçoso recusar todas as evasivas de ditos e feitos como os que o momento produzia: com jantares e visitas e conversas educadas. Era forçoso saber onde os sapatos lhe apertavam. Tomando a frase literalmente, dali era fácil ver os sapatos sobre os quais se sustentava, de pé lá no fundo do jardim inferior, neste exato momento. Eram muito estreitos e compridos e sofisticados; eram feitos do couro mais macio e maleável. Eram requintados, como tudo que ela usava. E ela estaria em pé, debaixo da grande sebe na parte inferior do jardim, erguendo as tesouras amarradas à cintura para podar alguma flor morta, algum galho desmedido. O sol bateria em seu rosto, em seus olhos; mas não, no momento crítico um véu de nuvens cobriu o sol, tornando dúbia a expressão dos seus olhos – estaria zombeteira ou terna, viva ou morta? Podia-se ver apenas o perfil impreciso de seu rosto um tanto fenecido e delicado a mirar o céu. Estaria talvez pensando que devia encomendar uma nova rede para proteger os morangos; que devia enviar flores à viúva Johnson; que já era tempo de dar um pulo na nova casa dos Hipplesley. Essas eram as coisas sobre as quais ela certamente falava no jantar. Mas bastava das coisas que ela conversava no jantar. O que se desejava captar e transformar em palavras era o seu mais profundo estado de ser, o estado que está para a mente assim como a respiração está para o corpo, a que se dá o nome de felicidade ou infelicidade. À menção dessas palavras, ficou patente que, sem sombra de dúvida, ela devia ser feliz. Era rica; era distinta; tinha muitos amigos; viajava: comprou tapetes na Turquia e vasos azuis na Pérsia. De onde ela se achava, com as tesouras levantadas para podar os galhos tremulantes, irradiavam-se caminhos de prazer para lá e para cá, enquanto as nuvens rendilhadas lhe velavam o rosto.

Então, com um rápido movimento de tesouras, ela cortou o ramo de clêmatis, que foi ao chão. Ao cair, certamente um pouco de luz apareceu, certamente foi possível penetrar um pouco mais a fundo em seu ser. Então seu espírito se encheu de compaixão e remorso... Cortar um galho desmedido entristecia-a porque ele uma vez fora vivo, e ela estimava a vida. Sim, e ao mesmo tempo a queda do galho lhe lembrava que também ela deveria morrer e toda a futilidade e efemeridade das coisas. E então, agarrando no ar mais uma vez esse pensamento, com seu bom senso imediato, ela ponderou que a vida a tratara bem; ainda que ela tivesse de cair, seria para jazer na terra e desfazer-se suavemente entre as raízes das violetas. Assim ficou parada, pensando. Sem se dedicar a nenhum pensamento em especial – pois ela era uma dessas pessoas reticentes cuja mente enreda os pensamentos em nuvens de silêncio –, estava prenhe deles. Sua mente era como sua sala, na qual as luzes avançavam e recuavam, vinham piruetando e pisando delicadamente, expandiam as caudas, abriam caminho a debicadas; e então todo o seu ser, assim como a sua sala, foi banhado por uma nuvem de entendimento profundo, de algum arrependimento silenciado, e agora ela se achava repleta de gavetas fechadas, atulhada de cartas, assim como seus armários. Era uma impiedade e um absurdo falar em “escancará-la” como se fosse uma ostra e usar ferramentas que não as mais finas, sutis, flexíveis. Era forçoso imaginar que... aqui estava ela no espelho. Foi um enorme susto.

A princípio ela estava tão distante que não podia ser vista com clareza. Ela veio, demorando-se e detendo-se, aqui endireitando uma rosa, ali levando um cravo até o nariz, sem nunca parar; e durante todo esse tempo ela assumia no espelho um tamanho cada vez maior, tornando-se cada vez mais aquela pessoa em cuja mente se tentava penetrar. Foi possível confirmá-la pouco a pouco – conciliar,

neste corpo visível, as qualidades que descobrimos. Aí estavam o vestido verde-acinzentado e os sapatos compridos, o cesto e alguma coisa a lhe cintilar no pescoço. Ela se aproximou tão gradualmente que não pareceu desconcertar o padrão que se via no espelho, mas apenas trazer algum elemento novo que se movia com suavidade e alterava os outros objetos como se lhes pedisse educadamente que abrissem espaço para ela. E as cartas e a mesa e o caminharo relvado e os girassóis que estavam à espera no espelho se separaram e se afastaram para lhe dar acolhida. Por fim, ali estava ela, no vestíbulo. Ela ficou imóvel. Ficou ao lado da mesa. Ficou perfeitamente inerte. Logo o espelho começou a derramar sobre ela uma luz que pareceu fixá-la; que parecia uma espécie de ácido a carcomer o que era dispensável e superficial, poupando apenas o que era verdadeiro. Foi um espetáculo extasiante. Tudo se retirou dela – nuvens, vestido, cesto, diamante –, tudo quanto se havia denominado ipomeia e trepadeira. Aqui estava a dura parede subjacente. Aqui estava a mulher em si. Nua, ficou parada sob aquela luz inclemente. E não havia nada. Isabella estava perfeitamente vazia. Não tinha pensamentos. Não tinha amigos. Não havia ninguém com quem se importasse. As cartas, por sua vez, não eram nada além de contas a pagar. Reparem que, ali parada, velha e macilenta, venosa e estriada, com o nariz altivo e o pescoço enrugado, ela nem se deu o trabalho de abri-las.

As pessoas não deviam deixar espelhos pendurados pelos cômodos.